

## Estratégias para o património museológico da Universidade do Porto \*

Armando Coelho Ferreira da Silva \*\*

A Universidade do Porto reuniu ao longo da sua história um valioso património museológico constituído por expressivas colecções de naturezas e contextos diversificados, em número e qualidade, que testemunham o cumprimento da sua missão institucional através de uma intensa actividade de investigação, ensino e cultura ao serviço do desenvolvimento social e comunitário.

Grande parte dos materiais foram objecto de recolhas levadas a cabo durante quase dois séculos de existência, desde os tempos primordiais da Academia Real da Marinha e do Comércio, para fins pedagógicos, específicos dos diversos ramos científicos, assim se formando colecções, que ainda hoje cumprem a sua função didáctica.

Outros, porém, face à evolução natural da ciência, foram perdendo a sua utilidade inicial. Mas ficaram guardados, como quem está à espera de se ver um dia retirado do esquecimento, para adquirir uma nova função.

Entrados num museu, o que está em causa já não é a sua função utilitária.

Ao remeter-nos para um passado desaparecido, apontam para qualquer coisa que já não está lá, referindo-se a uma realidade invisível.

Ao observá-los, como visitante, ou ao expô-los, como museólogo ou conservador, assimilam-se conhecimentos sobre os antigos instrumentos, aprendem-se as técnicas passadas, apercebemo-nos de outras condições de investigação, exprimem-se sentimentos e convicções.

A sua nova função é, agora, uma função significativa, formando, no seu conjunto, um sistema de objectos com capacidade de transmitir, como em caleidoscópio, uma diversidade de representações.

Muitos outros, desde a sua origem, foram portadores desta função significativa.

Produzidos, não somente para terem um valor de uso, mas também para estarem expostos aos mais diversos olhares, ou para remeter para algo de etéreo, estes objectos, ao longo da sua história, nunca mudaram de categoria, funcionando desde a sua criação como quem subiu ao *firmamento dos corpos fixos*, na expressão poética de Keats.

Só que, musealizados, mudam de finalidade e de significação, assumindo, no quadro geral da função semiológica, uma finalidade particular, suscitando interrogações e reacções diferentes das que provocavam quando cumpriam a sua função original.

No primeiro grupo, a que podemos chamar *sistema de coisas*, segundo Krysztof Pomian<sup>1</sup>, poderão caber diversas colecções de mineralogia, zoologia e botânica do actual Museu de História Natural ou de Engenharia de Minas, entre outros fundos.

A sua integração num discurso museológico de maior amplitude, não diminuirá, antes acrescentará uma mais valia à sua função pedagógica.

Ao segundo grupo, que aparentemente compõe um mero conjunto de *restos*, pertencerão as variedades do notável equipamento científico ou didáctico essencialmente proveniente

---

\* Conferência, Dia da Universidade, 22 de Março de 1999.

\*\* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> Krysztof Pomian, Musée et patrimoine, in H. P. Jeudy (dir.), *Patrimoine en folie*, Éd. Maison des sciences de l'homme, Paris, 1990, p. 177-198.

dos Departamentos de Física e Química, ou já dos seus antecessores Gabinete de Physica e Laboratorio Chimico, do Instituto Geofísico, do Laboratório Astronómico, do núcleo da Faculdade de Engenharia, e ainda as colecções do Museu da História da Medicina e do núcleo de Farmácia, com referência aos seus antecedentes, a Escola Médico-Cirúrgica e a Escola de Farmácia anexa, fundada por Passos Manuel em 1836.

Telas, esculturas, desenhos, estampas e outras criações das Belas-Artes e da Arquitectura, assim como os notáveis complexos tecno-económicos e as expressões simbólicas que resultaram de conhecidos trabalhos arqueológicos e recolhas etnológicas comporão o último grupo.

Este afluxo secular de objectos, de natureza muito variável e de proveniências espácio-temporais muito diversificadas, obriga a uma arquitectura adaptada ao seu conteúdo, para a qual se propõe, em consideração à sua história e à organização das colecções, uma estrutura polinuclearizada.

Parece consensual que a disponibilização das instalações, onde hoje decorre esta celebração universitária, *abre perspectivas de uso dos seus actuais espaços a funções de interesse de toda a Universidade no edifício que melhor a simboliza*, segundo as palavras de Alexandre Alves Costa.

Nele poderão sediar-se os serviços centrais do Museu da Universidade e congregar os núcleos mais próximos das Ciências Naturais e Exactas, *lato sensu*.

As colecções de Arqueologia e de Antropologia Cultural, algumas delas com referência à antiga Faculdade de Letras, poderão constituir pólos activos deste Museu, cuja instalação poderá simultaneamente servir a valorização de edifícios classificados do Centro Histórico e a lógica da construção de um novo corredor cultural que, na linha da muralha fernandina, signifique o alargamento do reforço cultural da cidade do Porto.

Como sabemos, o edifício da Academia Real da Marinha e Comércio, onde nos encontramos, é dos mais representativos do neoclassicismo portuense, iniciado na primeira parte do século XIX, com primeiro projecto de José da Costa e Silva e com modificações de Carlos Amarante.

Por sua vez, a casa de S. João Novo, obra do arquitecto António Pereira, executada a partir de 1725 para Pedro da Costa e Silva, é pela sua qualidade de fachada o exemplar mais expressivo da arquitectura civil do Porto da primeira metade do século XVIII, que só tinha paralelo na demolida casa Monteiro Pereira, situada no Campo das Hortas, na actual Praça da Liberdade.

Em colaboração inter-institucional, poderá renovar-se, senão refundar-se, em conteúdo e objectivos, segundo julgamos saber ser intenção da entidade da tutela, o Museu Etnológico do Porto, que aí funciona, abrindo mais uma porta da cidade à região e ao mundo.

Entre os dois, após a Cadeia da Relação e o Arquivo Distrital, às Taipas, haverá lugar para outro núcleo museológico, quando disponibilizadas as instalações do Departamento de Cálculo Matemático, que poderá vir a formar um notável conjunto arquitectónico com a casa Leite Pereira, antiga casa do correio-mor de Coimbra, Francisco Zuzarte Maldonado, e adquirida por volta de 1734 por D. Maria Leite Pereira de Melo, a exigir, como a anterior, urgente recuperação.

E entre as possibilidades para patrimónios tão singulares, como os das Belas Artes e da Arquitectura, fica apenas a sugestão do seu relacionamento com os programas da Casa-Museu Abel Salazar e do Instituto Marques da Silva, cujos legados são obrigação da Universidade do Porto valorizar.

A sua instalação em monumentos classificados implicará intervenções arquitectónicas adequadas à sua funcionalidade, conforme procuram ser, antes de tudo, os novos museus.

Ora, ser funcional é tornar mais fácil e agradável o acesso do público aos objectos expostos, garantindo-lhes seguro contra incêndios, de tão má memória para as Faculdades de Ciências e de Farmácia, e assegurando-lhes protecção contra a influência dos factores físico-químicos e outros elementos, que muitas vezes invadem como pestes as nossas colecções, e protecção contra o roubo e mais desmandos.

Depois, é necessário criar condições para adaptação dos objectos conforme a sua natureza, ordenando-os segundo a sua proveniência e a sua história, a sua tipologia e as suas afinidades formais ou sobre outros critérios de que se possa justificar a sua validade.

Através das suas colecções e programas, os museus contribuem para o enriquecimento da experiência humana, estimulando a curiosidade, divertindo e enriquecendo o saber.

Lugares privilegiados para descobrir a nossa criatividade e a nossa memória colectiva, eles são verdadeiras *janelas para o mundo natural e físico que nos rodeia*.

Os museus de hoje podem ser lugares vivos, cheios de exposições imaginativas, apresentar peças de teatro, *workshops*, concertos, conferências e tantas outras actividades, que podem ajudar a melhor compreender as colecções em exposição.

Nos *bastidores*, fica a engrenagem extremamente complexa, que permite que os museus estudem, preservem e exponham o património cultural de um mundo que também não pára!

As colecções museológicas, na sua totalidade representam toda a diversidade do nosso património científico, natural e cultural. Salvaguardadas e cuidadas por museus são um dos maiores bens do mundo. Reconhecer este significado específico das colecções museológicas é realçar o serviço essencial que o museu presta à comunidade.

As diferentes formas de expor os objectos variam com o tempo, com o espaço e com as pessoas, mas as colecções permanecem e é, por isso, que os museus são particularmente responsáveis pela salvaguarda e interpretação desta herança.

Com efeito, os museus, como instituições dinâmicas, obrigam-se não só ao desenvolvimento das colecções, mas também a responder activamente a novas audiências e desafios, assumindo urgentemente as suas responsabilidades de investigação, conservação e comunicação, tornando este património actuante junto da sociedade onde se integra.

Implementar um projecto museológico global e integrado será uma tarefa forçosamente interdisciplinar, com recurso às diversas especialidades em colaboração com os saberes da museologia, que se obrigam a um desempenho profissional. A sua execução contribuirá certamente de forma decisiva para o enriquecimento do panorama cultural da cidade, podendo porventura vir a ocupar um lugar insubstituível na rede nacional de museus.

Na sequência de intervenções anteriores sobre o papel dos museus universitários, desde o primeiro estudo de 1943 da autoria do Professor J. R. Santos Júnior sobre os museus da Faculdade de Ciências às acções comemorativas do septuagésimo quinto aniversário da Universidade e centésimo quinquagésimo aniversário da Academia Politécnica do Porto e com mais realce para o projecto Alma Mater, esta iniciativa pretende fomentar a reflexão e o debate para o delinear de estratégias de valorização do património museológico da Universidade para que, nesta circunstância, ousamos lançar alguns tópicos.

A musealização do universo patrimonial da Universidade, de que a exposição ora promovida sob a epígrafe *imagens do saber* representa uma reduzida selecção, deverá assentar na sua capacidade de transmitir e receber significações que se reportem, em especial, à sua história e aos seus contextos, com realce para as especificidades da sua mensagem.

Após um momento inicial marcado por uma preocupação, quase exclusiva, de coleccionar, a Universidade assume agora as suas responsabilidades éticas e legais de salvaguarda e exploração destas colecções.

Salvaguardar e explorar envolve as actividades necessárias à sua preservação, ao controlo intelectual, recolhendo e registando informação, à segurança e, ainda, todas as actividades que permitam tornar acessíveis, a investigadores, e ao público em geral, estes valiosos recursos.

Tempo, programação, investimento humano e financeiro e, até por vezes, o adiar de outros projectos mais gratificantes, são requisitos fundamentais. Só assim deixaremos de ser meros repositórios de objectos.

Nestas circunstâncias, o Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras manifesta o seu empenho em contribuir para a concretização daquilo que interpreta como imperativo da inteligência e da consciência patrimonial da Universidade. Que em breve se torne em bem de prestígio, dom e troca entre a comunidade universitária e a sua cidade, no quadro da sua capitalidade cultural.